

O GRANDE MUNDO: MUNDANISMO E SOCIABILIDADE NA LITERATURA ACADEMICISTA BRASILEIRA DURANTE O PRÉ-MODERNISMO

THE *BIG WORLD*: WORLDLINESS AND SOCIABILITY IN ACADEMIC BRAZILIAN LITERATURE DURING PRE-MODERNISM

Maurício SILVA*

Resumo: O presente artigo analisa o contexto cultural do Pré-Modernismo brasileiro, destacando alguns aspectos estéticos e literários da Literatura Brasileira. Além disso, este artigo analisa as possíveis relações entre autores Pré-Modernistas e a Academia Brasileira de Letras, durante a passagem do século XIX para o XX.

Palavras-chave: Pré-Modernismo – Literatura Brasileira – Mundanismo – Historiografia Literária.

Abstract: The present article analyses the cultural context of Brazilian Pre-Modernism, and points out some aesthetic and literary aspects of Brazilian Literature. Furthermore, the present article analyzes the relationship between the Pre-Modernist writers and the Brazilian Academy of Letters, detaching the institutionalizations issues on the turn-of-the-century.

Keywords: Pre-Modernism – Brazilian Literature – Worldliness – Literary Historiography.

Literariamente falando, a passagem do século XIX para o XX foi marcada por uma visão mais ou menos padronizada das artes, perspectiva perfeitamente sintetizada na consideração da Literatura como o *sorriso da sociedade*, como bem percebeu o sentido acurado de Afrânio Peixoto, representante de destaque dessa mesma tendência. Além disso, o que logo se verificou nesse trecho da História Literária brasileira foi uma espécie de anseio pela novidade e pela modernidade, traduzindo-se, via de regra, na ampla aceitação de um singular cosmopolitismo literário à D'Annunzio e Oscar Wilde, que, no Brasil, seria cabalmente representado pelo já citado Afrânio Peixoto e por outras figuras célebres da mesma época, como João do Rio, Théó Filho, Arthur de Azevedo e Henrique Coelho Neto.

Além do formalismo estético, marca prevalente da Literatura brasileira na passagem do século, uma das mais peculiares características literárias do período foi a *estilização*. Embora vago, pois que dotado de uma acepção bastante larga, o termo se refere, em linhas gerais, a uma obstinada tendência à ornamentação e ao artificialismo

* Pós-Doutor em Literatura Brasileira – Universidade de São Paulo – USP, Cidade Universitária CEP: 05508-080 – São Paulo – SP – Brasil. Professor do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação na Universidade Nove de Julho. E-mail: maurisil@gmail.com.

com a finalidade de obter efeito puramente estetizante. Completa, nesse sentido, a ideia de formalismo, por revelar uma preocupação maior com efeitos ornamentais gerais, não especificamente voltados para o vocabulário: a plasticidade do período, a adoção de determinadas diretrizes estéticas (como o Helenismo/Orientalismo), de uma técnica específica (como o artificialismo) e, principalmente, o tópico do *mundanismo literário*, que tem sua correspondência social nos salões, conferências e outros encontros realizados pela sociedade letrada dos primeiros anos da República; ou ainda nas páginas efêmeras de periódicos que ditavam a moda. Em sua versão estética, o mundanismo era representado sobretudo pela Literatura de temática fútil, não raras vezes procurando espelhar os *costumes* sociais da burguesia carioca do entre século, particularmente na sua deliberada submissão ao ideário europeu.

O Grande Mundo e a Literatura Academicista

O romance de costumes, tanto em seu viés urbano quanto regional, foi o que mais intensa e programaticamente tentou equacionar – a partir do século XIX - a questão da fundação de uma Literatura nacional. Nele se exercitaram desde José de Alencar, Manuel Antonio de Almeida e Raul Pompéia, no século XIX, até Lima Barreto, no século XX. No período aqui estudado, o romance de costumes – que também buscava satisfazer o mesmo anseio de independência da Literatura brasileira – assume, contraditoriamente, ares *mundanos* e *cosmopolitas*: buscava ser autenticamente nacional, mostrando o quanto o Brasil tinha de moderno e civilizado, portanto, de europeu. Evidentemente, não se tratava de qualquer modelo europeu, mas o francês, ressaltando a vinculação brasileira com nosso mais recorrente fornecedor de cultura humanística.

Desse modo, durante a *Belle Époque*, o mundanismo emerge como tematização dos costumes urbanos ligados – como disse com propriedade Coelho Neto em romances cronologicamente tão distantes como *A Capital Federal* (1893) e *O Polvo* (1924) – ao “grande mundo”. E por *grande mundo* entende-se, ainda nos dizeres de Coelho Neto, as “seduções do luxo”, os “louvores frívolos”, o encantamento pelos “bailes, recepções, chás, espectáculos”, o deslumbramento por “crystaes e espelhos”, a fascinação pelos “theatros, as casas de chá, os cinemas e (as) vitrinas”, enfim, a chamada “*high-life*” (COELHO NETO, 1924a, 1924b).

Essa é a sociedade retratada, preferencialmente, pelos cultores do academicismo, temática que realiza como nenhum outro tópico literário a concepção da Literatura

como *sorriso da sociedade*. Não são poucos, nesse sentido, os autores que cultivaram o mundanismo na Literatura da época, como revela, entre outros, o exemplo de Benjamim Costallat.

Com uma linguagem carregada de estrangeirismos, que iam dos simples vocábulos ao nome das personagens, com uma valorização estética de tudo o que era fútil e efêmero, com uma temática centrada no mundanismo como estilo de vida, Benjamim Costallat – um acadêmico que não frequentou a Academia - construiu uma obra que oscila entre o sofisticado e o ordinário, enfatizando ambos como elementos constituintes de uma incipiente modernidade. A começar pelo tratamento dado às personagens, é possível verificar que seus romances são povoados por uma quantidade assustadora de dândis e esnobes, bem de acordo com a atmosfera *Belle Époque* da sociedade carioca do começo do século. O cenário onde os acontecimentos se desenrolam não escapam, igualmente, à mesma atmosfera artificial, com suas luzes feéricas ou seus automóveis luxuosos, sugerindo a irrefreável sedução urbana. A linguagem telegráfica, profundamente marcada pelas expressões da moda, completa, enfim, o quadro superficial que conforma os romances.

Suas obras são, além disso, povoadas por fantásticas figuras de *femmes fatales*, em que se misturam a futilidade mundana e a personalização extrema do sensualismo, marca registrada do mundanismo literário do período. Assim mesclam-se a luxúria, os vícios e as futilidades do que ele próprio chamou uma vez – num arremedo da expressão consagrada por Coelho Neto – de “a grande vida”, para designar, por exemplo, o estilo de vida de Mimi, a protagonista de *Gurya* (1929), “jovem mundana” que vivia para gastar “[...] na costureira, nos perfumistas e nas joalherias tudo o que a generosidade [...] dos homens lhe ia concedendo” (COSTALLAT, 1929, p. 91).

Da mulher ao cenário, passando pelas relações amorosas, tudo parece carregado, nos romances de Costallat, de uma representação fútil da realidade. Até a noção de “moderno” empregada pelo autor padece de uma banalidade, já que surge associada frequentemente a modismos pouco consistentes, como um modernismo cuja única marca fundamental é o deslumbramento. Mas é ainda no tratamento dado à figura feminina que Benjamim Costallat melhor representa o que aqui chamamos de sentido de futilidade. É sintomática, por exemplo, a descrição que o autor faz de Germaine, protagonista de um dos seus romances:

Germaine era uma mulher que se aborrecia. Não tinha, além do jogo, outra distração e outra finalidade. Ainda moça já havia quasi gasto o patrimonio de seu pae [...] agradavam muito mais a Germaine os

banhos azues das tardes de Copacabana (COSTALLAT, 1934, p. 22, 28).

Fútil é também o sensualismo presente em suas obras, banalizado pela luxúria e pelo amor devasso da prostituição, condimentos eróticos que davam aos seus romances um sentido muito contemporâneo e popular. O obsceno, o degradante, a banalização da figura feminina, a pornografia unem-se na tentativa deliberada de criar uma atmosfera mundana, em que não falta ainda o amor devasso de satânicas adolescentes travestidas de ingênuas moças de família:

Rosalina, calças de pyjama, o busto nú, seus minúsculos seios de dezeseis anos, atrevidos e brancos, terminados por duas manchinhas côr de rosa quasi imperceptíveis, olhou para a sua propria imagem, para a sua imagem de garota adoravel e sorriu [...]. E aquellas meninas de familia do seculo faziam os seus calculos de conquista, a somma de novos admiradores adquiridos, o balanço de seus conquistadores, como prostitutas entre si recapitulando extenuadas um dia de labor sexual (COSTALLAT, 1923, p. 21, 37).

Assim, tudo o que se refere à criação do espectro feminino, mas principalmente o que há de mais picante e sedutor nele, interessa aos romances de Costallat, denotando, de passagem, uma admiração bastante intensa pelo mito de Salomé, eternizado por muitos artistas, mas difundido no Brasil principalmente pela Literatura do esteta inglês Oscar Wilde, a quem Benjamim Costallat deve mais de uma característica literária, além, é lógico, do próprio apego aos motivos mundanos.

Mais do que Costallat, é em João do Rio que a sociedade carioca surge em todo o seu esplendor mundano, brilhando na pena desse exímio cronista do cotidiano, que nos legou alguns dos mais interessantes romances escritos no começo do século; mais interessantes e, evidentemente, mais próximos da crônica de costumes mundanos do que quaisquer outros.

Privilegiando a abordagem da realidade elitista do Rio de Janeiro, são os costumes da alta sociedade carioca que João do Rio elege como tema por excelência de seu romance *A Correspondência de uma Estação de Cura* (1918), fazendo um retrato mais ou menos fiel de uma burguesia em plena ascensão, ávida de novidades, ciosa de seu *status* e afeita aos pequenos dramas da elite, sobretudo amorosos, sem maiores consequências para a integridade social de seus componentes. Por isso, poucas obras como essa enquadram-se tão perfeitamente na caracterização da Literatura como sorriso da sociedade, dada por Afrânio Peixoto no começo do século.

A história que, em sua maior parte, se passa numa estação de águas, revela uma face muito em evidência da sociedade urbana das primeiras décadas do século XX: seu

despreendimento em relação à realidade cotidiana, sua banalidade crônica, sua falta de análise da realidade, enfim, sua futilidade. É a vida dos esnobes e da elite, retratada pelo autor da vida vertiginosa do Rio de Janeiro; é também a vida da “civilização” (em oposição à “barbárie” suburbana e miserável), a desfrutar dos prazeres de uma estação de águas subitamente transformada em ponto de encontro e convivência da alta sociedade. Para semelhante empreitada, o autor não pôde abrir mão de uma linguagem correspondente, de acordo com a temática tratada: daí João do Rio empregar uma dicção classicizante, marcada pelo purismo e pelo uso abusivo de estrangeirismos (como era comum entre as pessoas pertencentes à classe social que procura descrever). Escrito em gênero epistolar, formado por capítulos-cartas, o romance opta também pelo realismo, a fim de dar maior verossimilhança aos acontecimentos. Trata-se - apesar das raras incursões no *bas fond* carioca - de um romance visceralmente marcado pelo desejo de fazer aflorar o que há de mais *sorridente* na sociedade brasileira, transformando uma estação de águas numa insólita Capital Federal estilizada, cuja sociedade tem como divisa uma frase retirada do próprio romance e que, melhor do que qualquer outra, define bem o seu espírito: "a vida é a eterna ilusão" (RIO, 1992a, p. 22).

Ainda uma vez é a sociabilidade da alta classe urbana que o autor descreve:

[...] ao jantar, os *smokings* resolveram aparecer. Em seguida ao almoço, as senhoras arvoram grandes *toilettes* de passeio e jóias. Depois [...] afluem os ‘encantadores’ do Rio e de São Paulo, esses meninos dos dezessete aos quarenta anos, que vestem com elegância exagerada, são dados a esportes, montam, jogam o pingue-pongue e o *bridge*, andam com os desenhos do Sem, falam francês e têm sempre um ar muito superior (RIO, 1992a, p. 30).

A profusão de termos estrangeiros, o retrato de costumes mundanos da elite carioca, certa ironia não-agressiva, que compactua com a atmosfera pernóstica em que as personagens se inserem são alguns efeitos da passagem transcrita.

Descrevendo uma sociedade abastada e mundana, sobretudo no seu lado mais banal - embora por meio de certa padronização estilística e evidente perspectiva documental (SÜSSEKIND, 1992, p. XX) -, João do Rio escreve outro romance na perspectiva que aqui estamos analisando a Literatura academicista: *A Profissão de Jacques Pedreira* (1913). Trata-se da história de Jacques Pedreira, que tivera sempre uma vida mundana e relapsa, formando-se advogado por meio de grandes gastos de seu pai, que o pressiona a exercer uma profissão. Contrariado por ter de trabalhar ("trabalhar quando a vida é tão bonita!"), acaba cedendo à vontade do pai apenas pelo prazer de ser reconhecido como doutor. Durante o exercício da profissão de advogado, Jacques

Pedreira começa a pegar gosto pelas aventuras econômicas, onde a influência, o dinheiro, a habilidade em corromper valem mais ("uma vida aventureira de negociatas"). Além disso, começa a obter sucesso nos amores ilícitos, marcando encontros furtivos com mulheres casadas e tornando-se amante de Alice dos Santos. Aos poucos, vai-se afastando da vida de trabalho, para se dedicar apenas à vida mundana (mulheres, automóveis, bares). Faz do amor e das conquistas sua verdadeira profissão. (RIO, 1992b) As cenas se passam principalmente em Petrópolis, refúgio principal da burguesia carioca e que, no dizer de uma testemunha ocular, abrigava "[...] o ambiente social e mundano do que hoje chamaríamos de grã-finismo" (MAUL, 1967, p. 9).

São academicamente primorosas as descrições que João do Rio faz, primeiro, do estilo de vida de Jacques Pedreira durante sua estada na Faculdade:

[...] acordava, ia para o *football* ou fazia ginástica sueca no quarto. Em seguida iniciava sua *toilette* com cuidado. A escolha do fato, da camisa e da gravata correspondente, punha-o muita vez perplexo. Estas coisas absorviam sua atenção [...] Em fornecedores o seu conhecimento era doutoral. A menor alteração no corte dos *fracks*, uma insignificante mudança d'aba nos chapéus de Londres ou da Itália tinha nele um fiel. As cores das roupas de baixo também. E a maneira de estar conforme manda a educação dos salões [...] Após a *toilette*, ia almoçar e saía. Às vezes passava pela escola. Raramente. Empregava o tempo em namoros e *flirts*; [...] (RIO, 1992b, p. 17).

e, depois, do de Alice dos Santos, sua amante:

Alice dos Santos era um caso de frivolidade mundana e sensual comum. Passara até os vinte e três anos na província, com a atenção voltada para a vida elegante da capital. Fizera assim uma idéia exagerada de tudo: da moda, dos divertimentos, dos homens, da liberdade, dos costumes, acreditando em quanta fantasia lia nos jornais e em quanta invenção narram os provincianos de volta, para se darem ares [...] [Casara] não só para gozar os refinamentos da cidade como para dominar e ser a primeira entre as senhoras faladas pela beleza, pela formosura e pela posição. O cuidado com que se comparava à fotografia das grandes damas nos jornais ilustrados para se achar melhor sempre! A pertinácia com que estudava nos *magazines* mundanos a tecnologia, a língua confusa da alta roda, aliás tão limitada! (RIO, 1992b, p. 38).

Eis aí retratos exemplares da sociedade mundana descrita por João do Rio. Afeito à abordagem de temas picantes, prosaicos, como se fossem notícias escritas para os periódicos com os quais colaborava, observa-se inclusive que o autor deixa de lado certo descritivismo enfadonho (mais apropriado, aliás, aos cronistas parnasianos), para tentar uma interpretação do quadro descrito: opina, compara, interfere abertamente no panorama traçado.

Aliás, esse seu apego à temática mundana não está presente apenas nos dois romances citados, percorrendo praticamente toda a sua obra, seja ela ficcional ou jornalística. É o caso de alguns contos de *A Mulher e os Espelhos* e de *Dentro da Noite* (1910), este último trazendo a figura da mundana Laurinda Belfort, mulher da alta sociedade carioca, que estudou no colégio Sion, tem uma inglesa como dama de companhia, usa adereços de brilhantes feitos no Vevert e que, quando se casou, inaugurou

[...] aquela grande vida artificial e custosa, com salas compostas segundo desenhos de decoristas ingleses, os vestidos vindos de Paris e um ar de boneca social, que para sempre lhe tirara a idéia de amar alguém, além da sua presadíssima pessoa. A grande vida um tempo fel-a mesmo esquecer quasi o marido, porque era preciso passar o carnaval em Nice, estar no outono em Paris, passear os hotéis depravados do Cairo no inverno, dar opiniões sobre artistas e pintores, falar de viagens e manter o seu salão no Rio [...] (RIO, 1910, p. 182).

Esses excertos, retirados da ficção urbana de João do Rio, tinham, com certeza, a própria vida social carioca como modelo: retratavam-na com a fidelidade devida às obras que se querem costumbristas. Não foi matéria de autores marginalizados pela Academia ou que a hostilizaram, como Lima Barreto, Graça Aranha, Monteiro Lobato e outros. Era, ao contrário, matéria eleita exatamente pelos academicistas, que tinham no mundanismo carioca uma de suas principais fontes de inspiração. Em João do Rio, como dissemos, esta temática extrapola os limites da ficção e atinge seu ápice – como era de se esperar em um jornalista de primeira grandeza – em suas crônicas. É o caso daquela intitulada “O Chá e As Visitas”, publicada em sua *Vida Vertiginosa* (1911). Ali é descrito com clareza o que devia ser a verdadeira vida mundana da sociedade carioca, não poucas vezes, como dissemos, tomada como modelo pelos mais relevantes academicistas. Fazendo considerações gerais sobre os costumes urbanos na burguesia carioca, relata o autor:

[...] a vida nervosa e febril traz a transformação subita dos habitos urbanos. Desde que há mais dinheiro e mais probabilidades e ganhal-o – há mais conforto e maior desejo de adaptar a elegancia estrangeira. A ininterrupta estação de sól e chuva de todo anno é dividida de accordo com o protocollo mundano [...] Todos tem muito o que fazer e os deveres sociaes são uma obrigação; [...] (RIO, 1911, p. 47).

e, tratando das ocupações diárias de uma mulher da sociedade, escreve:

[...] a massagista, ás 9 horas, seguida de um banho tépido com essencia de jasmin. Aula pratica de ingléz ás 10. *All right!* Almoço á

ingleza. Muito chá. *Toilette*. Costureiro. Visita a Fulana. Dia de Cicrana. Chá de Beltrana. Conferencia literaria. Chá na Cavé. Casa. *Toilette* para o jantar. Theatro. Recepção seguida de baile na casa do general [...] (RIO, 1911, p. 47).

Observações semelhantes, no que concerne à temática mundana, podem ser realizadas ainda acerca da ficção de Afrânio Peixoto. Embora seja considerado por parte da crítica um escritor com ênfase na temática rural, ele nos interessa no que sua produção ficcional possui de mais citadino, pois é como autor de *romances urbanos* que se revelou um cronista da vida mundana.

Escrevendo histórias de caráter documental, legou-nos uma série de quadros referentes aos costumes da elite carioca nas primeiras décadas do século, criando assim uma ficção diletante, impressionista, sem pretensões artísticas. Foi, nesse sentido, um autêntico romancista de costumes urbanos, com obras que procuram retratar fielmente “[...] o ambiente requintado da sociedade carioca [...] focalizando as indefectíveis conversas do mundanismo” (SALES, 1978, p. 10).

Os próprios componentes essenciais de seus três romances de extração urbana (*A Esfinge*, *As Razões do Coração* e *Uma Mulher Como As Outras*) são uma prova cabal desse apego ao retrato mundano: as cenas passam-se tanto em Petrópolis, refúgio da elite brasileira do começo do século, quanto no cais do porto, onde eram aguardados os navios provenientes da Europa; as personagens são um escultor, um político ou um embaixador (jamais um operário, um caixeiro-viajante ou um pequeno comerciante); as tramas envolvem casos de triangulações amorosas, com um sabor algo picante, bem ao gosto da elite frívola. De resto, seus romances apresentam-se à crítica mais exigente formal e tematicamente padronizados, sem elevações bruscas que, afinal de contas, tornam as situações mais dramáticas e densas; tudo flui num meio-tom bem comportado, no compasso monótono de classes sociais que só aceitam escândalos em surdina. E, assim, a sociedade é “despida” pela pena do romancista baiano...

A Esfinge (1908), por exemplo, assemelha-se a um *panorama luminoso*, (CALMON, 1947) em que a alta sociedade carioca é mostrada nos seus momentos mais banais, pintando-se um quadro de costumes sociais, com cenas sobre o relacionamento amoroso, sobre a vida mundana dos salões, sobre as “modernidades” latentes, sobre uma pretensa civilidade urbana, como se pode perceber neste trecho:

[...] na casa de Lúcia havia excesso oposto, o que dava às salas aspecto de viveiro irrequieto e leviano: apenas frivolidade e namoro. Com a ciência de suas várias viagens à Europa e muitas leituras de romances e protocolos mundanos, ela aprendera a evitar estes extremos, escolhendo com arte os convivas para cada jantar e dando

às reuniões que se seguiam números sensacionais, guardados em segredo até o momento da exibição: eram artistas extraordinários, de passagem, pianistas desconhecidos, ventríloquos, prestidigitadores, excêntricos, que entretinham e deliciavam a assistência com espetáculos muito cômodos, porque, além do prazer da companhia, as boas graças dos Lemos eram favor precioso na sociedade carioca (PEIXOTO, 1978, p. 87).

Frivolidade, leviandade, mundanismo, sensacionalismo, excentricidade são, portanto, conceitos-chave desse romance de Afrânio Peixoto, como aliás de praticamente todos os romances de costume mundanos dos academicistas.

O mesmo pode-se dizer a respeito de *As Razões do Coração* (1925), onde o mundanismo e a futilidade misturam-se - bem a propósito - com temáticas relativas à moda, às festas, às transformações urbanizadoras e outras:

[...] lá nos vastos salões, nas recâmaras, no jardim, nos balcões, grupavam-se os que as afinidades de gosto, de idade, de sexo chamavam para maior intimidade. Os políticos mais influentes, os jornalistas mais lidos, escritores, financistas, mundanos, rapazes sem classificação ainda, já críticos nos jornais, misturavam-se às damas mais pomposas e belas, às meninas mais prometedoras ou ariscas, com a alegria da gente elegante e inteligente que tem prazer em convivência distinta, num cenário adequado de arte, a arte de receber (PEIXOTO, 1944, p. 103).

Finalmente, *Uma Mulher Como As Outras* (1928) procura carregar na mescla entre elite formal e agregada: a protagonista do romance é uma prostituta de elite, e não faltam as cenas relacionadas aos vícios próprios de uma classe abastada ou à frequência de teatros mundanos:

[...] um capricho de Lili [...] levou-nos ao Apolo, onde nos demos *rendez-vous, toute la bande*, para, depois, uma ceia no 'Maison Moderne'. O Apolo é o novo teatro do Celestino, feito ou refeito á moderna, para genero alegre, mas elevado. O 'mundo' do Lirico e do São Pedro, e o 'meio-mundo' do Recreio, do Sant'Ana, do Lucinda [...] têm agora ponto *chic* de encontro [...] (PEIXOTO, 1940, p. 133).

Retratos de uma classe preocupada com os caprichos da sociabilidade, os romances urbanos de Afrânio Peixoto encontram correspondência na realidade mesma do Rio de Janeiro, onde são ambientados. Não é difícil perceber, por isso, a coerência descritiva entre o que é relatado pelo autor e a realidade social da elite carioca da época. Aliás, é nessa sociabilidade difusa que Afrânio Peixoto encontra a maior parte do material que precisa para preencher tramas pouco elaboradas. Talvez não fosse exagero considerá-lo, diante das circunstâncias, um romancista dos salões da elite carioca, como se pode notar em *A Esfinge*: “[...] nos salões [...] a boa gente aperta-se, declara-se,

namora, beija-se e, se não faz mais, é simplesmente por uma questão de mobiliário [...]” (PEIXOTO, 1978, p. 59) em *As Razões do Coração*:

[...] aqui, o salão de danças animadas e indecentes, tango nostálgico, gracioso *two-steps*, excitante maxixe; adiante, dois ou três grupos numa sala de *bridge*, bridgistas furiosos a se descomporem, ordinariamente mulheres, que a paixão, qualquer paixão, descompõe facilmente; grupos nos cantos, nos balcões, passeios entre gente desatenta ou diversamente ocupada, uma fuga no jardim ou uma excitação de álcool no *buffet*; já em cima, o jogo... O namôro por tôda parte. A conversa em todos os cantos. Todos bem, cada um à sua vontade [...] (PEIXOTO, 1944, p. 106).

ou ainda em *Uma Mulher Como As Outras*:

[...] entrei no salão de danças. A orquestra atacava uma valsa langorosa, *Rosita de la Plata*, e alguns pares, cerimoniosamente, faziam os compassos measureiros, correctos, afastados, honestos, como se não fôssem a Lola, a Pepita Aragon, a Marinette, a Poupée, a Juliette d’Alençon... que valsavam com os seus gigolôs ou *amants de coeur* [...] (PEIXOTO, 1940, p. 22).

Já na forma empregada por Afrânio Peixoto para a descrição desses quadros é possível detectar intenções diversas. Salta aos olhos, por exemplo, no primeiro trecho transcrito, a expressão “boa gente”, como que delimitando antecipadamente o tipo de classe social privilegiada pelo autor nas suas produções ficcionais; no segundo trecho, não passa despercebido um vocabulário coalhado de estrangeirismo (como a buscar um retrato fiel, pela expressão vocabular, da classe abordada) ou ainda a atmosfera fútil e descompromissada dos salões, que o romancista procura reproduzir no livro; finalmente, no terceiro trecho, o autor nos lembra que, afinal de contas, o mundo da prostituição de luxo também faz parte da civilidade mundana carioca da passagem do século, como atestam vários estudos históricos e um sem-número de romances da mesma época (ARAÚJO, 1993; COSTA, 1983; RAGO, 1987; ADLER, 1991; DARMON, 1991). O emprego do advérbio “aqui”, no segundo trecho, como a introduzir o parágrafo, revela claramente a intenção descritivista do autor.

É oportuno analisar, ainda por esta perspectiva, a descrição de algumas personagens - anônimas ou não - das histórias de Afrânio Peixoto, como este quadro, traçado com esmero de cronista de coluna social, das mulheres da classe alta carioca:

Pús-me a olhar as mulheres [...] Moças, a maior parte, quasi todas belas, consteladas de joias, joias até o limite do inoportável, colares e mais colares, pulseiras umas sobre as outras, e broches e barrétes e bichas e aneis, tantos, tão profusos, diamantes, pérolas, esmeraldas,

rubis, principalmente safira, que se lhes perdia o efeito, de realce e de brilho, na profusão barbara (PEIXOTO, 1940, p. 21).

Afrânio Peixoto afirma-se, assim, como um cronista da vida mundana carioca, dando aos seus romances uma natureza deliberadamente documental, descritivista, de um costumbrismo que se volta preferencialmente para os hábitos da elite urbana, como aliás já observou Agrippino Grieco, com sua proverbial mordacidade, ao se referir exatamente aos perfis femininos traçados pelo ilustre acadêmico:

[...] sente-se a impressão de que as suas heroínas caboclas leram todos os setenta volumes de Bourget. Sua psicologia é madrigalesca e seu estilo é de um homem de boa sociedade que não deseja nunca pisar ou acotovelar as damas da alta roda (GRIECO, 1947, p. 104).

Isto torna, com certeza, o romancista baiano uma das figuras que mais souberam fazer do lema que instituía para caracterizar a atividade literária na época em que viveu uma realidade: foi, ao lado de seus pares da Academia, um romancista que conseguiu levar ao limite a ideia de Literatura como sorriso da sociedade. De fato, a sociedade brilha na pena de Afrânio Peixoto, que faz de suas personagens, protagonistas voltados para o diletantismo e o desfrute mundanos. E a estética acadêmica acaba se firmando até por seus modos de representação literária, pela preocupação com a descrição dos costumes da alta sociedade, logrando o romancista construir uma obra ficcional voltada para o detalhamento de seus hábitos: seus romances, como os de João do Rio, são crônicas de costumes mundanos, espelhos de uma época em ebulição constante (JUNIOR, 1947; SÁ, 1987).

Considerações finais

O mundanismo literário era caro à Academia também como padrão de comportamento de alguns acadêmicos. É sugestiva, nesse sentido, a parábola escrita por Humberto de Campos para seu volume de crônicas intitulado *Lagartas e Libélulas* (1933): trata-se do diálogo entre dois acadêmicos a passeio pela Avenida das Nações, em que, um deles, o mais jovem, “sólido e elegante”, mais atento para “[...] a poeira de seu fato do que para os solecismos de sua prosa”, explica suas teorias a respeito da Literatura e da atividade literária: “[...] eu ponho-a [a Literatura] a meu serviço, ao serviço da minha ambição mundana, considerando-a um simples e elegante ornamento da vida.” É esse mesmo autor, preocupado “[...] mais com a volúpia da publicidade do que [com] o gosto de produzir”, quem descreve seu leviano *way of life*: “[...] eu vou ás

festas, às recepções, e tomo o meu chá das cinco horas, ou passo no meu alfaiate, ou mergulho no meu banho de mar, ao contacto da natureza e da vida”, sem sacrificar nunca “[...] a alegria das exibições mundanas” (CAMPOS, 1934, p. 17).

Processo que faz parte de um amplo programa de estilização da Literatura nacional, levado a cabo com empenho e rigor pela Academia, o mundanismo – tal e qual tentamos aqui demonstrar – acabava sendo um dos conceitos norteadores da produção literária academicista, já que, como disse com propriedade Gilberto Amado, “[...] mundanismo e esteticismo comandavam, sob o signo da Futilidade, não só o movimento social como o literário também” (AMADO, 1958, p. 79).

Referências Bibliográficas

- ADLER, Laure. *Os bordéis franceses 1830-1930*. São Paulo: Companhia das Letras : Círculo do Livro, 1991.
- AMADO, Gilberto. *Mocidade no Rio e primeira viagem à Europa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.
- ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- CALMON, Pedro. Afrânio Peixoto. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, ano 46, v. 73, p. 45-51, jan./jun. 1947.
- CAMPOS, Humberto de. *Lagartas e libélulas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.
- COELHO NETO, Henrique. *A capital federal (impressões de um sertanejo)*. Porto: Chardron, 1924a.
- _____. *O polvo*. São Paulo, *Jornal do Comércio*, 1924b.
- COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- COSTALLAT, Benjamim. *Melle: cinema: novella de costumes do momento que passa*. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1923.
- _____. *A mulher da madrugada*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.
- _____. *Gurya*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1929.
- DARMON, Pierre. *Médicos e assassinos na Belle Époque: a medicalização do crime*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- GRIECO, Agrippino. *Evolução da prosa brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.
- JUNIOR, Peregrino. Presença de Afrânio Peixoto. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, ano 46, v. 74, p. 317-325, jul./dez. 1947.
- MAUL, Carlos. *O Rio de Janeiro da Bela Época*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1967.
- PEIXOTO, Afrânio. *Uma mulher como as outras*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.
- _____. *As razões do coração*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1944.
- _____. *A esfinge*. São Paulo: Clube do Livro, 1978.
- RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil: 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- RIO, João do. *Dentro da noite*. Rio de Janeiro: Garnier, 1910.
- _____. *Vida vertiginosa*. Rio de Janeiro: Garnier, 1911.

- _____. *Correspondência de uma estação de cura*. São Paulo: Scipione, 1992a.
- _____. *A profissão de Jacques Pedreira*. São Paulo: Scipione, 1992b.
- SÁ, Jorge de. *João do Rio: à margem da modernidade?* 1987. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.
- SALES, Fernando. Afrânio Peixoto e seu Primeiro Romance. In: PEIXOTO, Afrânio. *A Esfinge*. São Paulo: Clube do Livro, 1978. p. 09-10.
- SÜSSEKIND, Flora. O cronista & o secreta amador. In: RIO, João do. *A profissão de Jacques Pedreira*. São Paulo: Scipione, 1992.

Artigo recebido em 06/08/2013. Aprovado em 01/10/2013.